

# Presidente do I Congresso da JUC (1953)

Desde muito jovem que Lurdes Pintasilgo se empenhou em organizações católicas. Ainda estudante liceal pertenceu à JEC — Juventude Escolar Católica. Posteriormente, e uma vez estudante de Química no Instituto Superior Técnico, entrou na Juventude Universitária Católica Feminina — JUCF, onde militou entre 1947 e 1953, tendo chegado a desempenhar o cargo de presidente nacional. A JUC masculina da época, era presidida por Adérito Sedas Nunes. Estes dois movimentos da

Acção Católica vinham sendo assistidos, respectivamente, pelo padre Domingos Maurício (sacerdote jesuíta, que viria a ser membro da Academia de História e faleceu há cerca de dois anos) e o dr. António dos Reis Rodrigues (Bispo de Madarsum e actual secretário da Conferência Episcopal Portuguesa). O movimento similar em Coimbra, organizado em torno do CADC — Centro Académico para a Democracia Cristã, tinha como assistente o padre Eurico Dias Nogueira

(actual Arcebispo de Braga). Foi no último ano da estada de Lurdes Pintasilgo na JUCF que se realizou o I Congresso Nacional da Juventude Católica. Aberta a todos os universitários de todas as Academias, esta iniciativa teve lugar no Pavilhão de Oficinas do IST, tendo contado com a participação de cerca de dois mil jovens. Quatro Juclistas se distinguiram neste Congresso, todos eles autores de teses próprias: Lurdes Pintasilgo e Sedas

Nunes (que eram, simultaneamente, os presidentes do Congresso, a quem competiu, designadamente, a respectiva abertura e encerramento), Manuela Silva e João Resina Rodrigues (o responsável, desde há alguns anos, pela Capela do Rato). Na oportunidade o Primeiro-Ministro indigitado apresentou uma tese de cerca de 60 páginas subordinada ao tema «A Mulher na Universidade». É interessante verificar que o Congresso agradeceu a mensagem de saudação enviada por um grupo de estudantes inspirados pelo MUD Juvenil.

go teve um papel de relevo e porventura decisivo — foi marcante a diversos níveis. Em primeiro lugar ele culminou o primeiro trabalho de levantamento, tanto quanto possível rigoroso e exaustivo, dos problemas da Universidade portuguesa e dos estudantes, e que seria posteriormente aprofundado, em especial através do inquérito sobre a «Situação e Opinião dos Universitários», lançado em 1967. Depois, porque constituiu um dos momentos áureos da JUC — quer em termos qualitativos, quer em termos quantitativos. Por último, porque proporcionou uma manifestação de vitalidade de uma Igreja mais comprometida com os problemas dos homens e com as suas aspirações — um dos seus primeiros sinais, sem dúvida, e muito antes do

Concílio Vaticano II. O então Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, foi o presidente honorário do Congresso, a que assistiram ainda, entre outros membros da hierarquia católica, o padre Abel Varzim e o bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes. Depois de 1953 — data em que se formou em Engenharia Química — Lurdes Pintasilgo passou a dedicar-se essencialmente à Pax Romana e ao Graal. No entanto ela manteve ainda durante alguns anos os seus contactos com a JUCF, especialmente mediante a sua frequente colaboração no «Encontro» — jornal fundado em 1956 — que teve um papel de grande importância nos meios universitários e intelectuais católicos durante quase duas décadas de anos.

## Salve Maria

Maria Velho da Costa\*

ucellino  
con potente voce di aquila  
ma aquila tremante

Pasolini. RIFACIMENTO

Durante cem dias de poder tão relativo porque tão provisório, esperam de ti que concilies, que pacifiques, que restabeleças o crédito retirado pelo homem comum a uma democracia trémula. Que nada ou muito pouco mudes em termos de poderes e instituições, que tudo mudes em termos de atitudes. Preparar o caminho a que senhores?

Chama-se uma mulher para que agente um pouco, um pouquinho, o leme da barcaça das iras e das cinzas e a faça sulcar, qual donairoza gôndola, o mar crespo de um período pré-eleitoral acaso mais rosnante que qualquer outro dos anteriores. Afastar o cinzento, a poluída bruma nacional, a poder de sorriso e instaurar o cor-de-rosa das meninas de coro como pano de fundo da batalha do voto. As urnas, às urnas, enquanto a tua mão embalaria o berço.

Disseste Fiat. Alegremte como a tudo aquilo em que te metes, da cozinha à rua, o que é muito difícil de entender para quem só retira prazer da opressão que suporta ou inflige a outros. Tu vives com a alegria. E eu exultei, e espero que comigo, divertidamente, muitos mais. Todos os de boa vontade. Todos os que podem e, num país destes, sabem que devem, ser pobres mas alegres, que é como quem diz empenhados na construção de uma sociedade — nacional e internacional — que para ser mais justa não se deva mais soturna. Os que a contradição não enraivece ou envilece de mais porque têm consigo ainda algum amor e humor, que é como quem diz sentido do tempo.

É que estão nas tuas mãos cem dias portugueses de imprevisível diferença. Não só por ti, imprevisível, mas pelo jogo de ti com este corpo social. Porque és mulher, sim, num país em que governam homens. Porque és engenheira, pois, num país em que há muitos anos decisivos para o desenvolvimento, torto embora, do restante Ocidente, o discursivismo estéril e obscurantista dos púlpitos e dos bacharéis em direito, o guincho puritano de uma burguesia caquética e assustada, se sobrepuseram sempre à imediata necessidade de palavra-em-acto dum povo que se estropiou na subalimentação e na guerra, que emigrou mal, que empobrece mais e mais.

E, diferença ainda, essa a mais secreta e também a mais evidente para quem (te) vê — tu és um poeta. Como se diz na tropa e como se diz na alma, de alguém que é luminosamente confiante e até com os desaires vai medrando. E és cristã. Isto é alguém que crê que é no quotidiano dos corpos humanos, no seu prazer e pena, aqui e agora, próximos — que está o sentido. És daqueles, raros, para quem a Encarnação nunca precisou de ser dogma.

Coisa de sorrir, pois, esta de

nos aconteceres assim tão no intervalo, assim tão, Pega lá na criança ao colo, tão enfezada e birrenta, a democracia parlamentar portuguesa, muda-lhe a fralda, varre a cozinha, enquanto a gente vai lá para dentro aguçar o argumento, reforçar o empréstimo, programar a institucionalização definitiva da crise, do debate ideológico, do desastre quotidiano.

Mas acaso foi a canseira do jogo político aqui, acaso foi a seca do crónico maldizer d'Este País, (como se nos outros se não torcesse o rabo da crise civilizacional, económica, mais azeda e mais sórdida), acaso foi o lento e crescente desaire do dizer sem fazer, ou fazendo mal, ou fazendo a mal, que os levou, para lá da atitude explícita de nomear-te, de aceitar-te ou denegar-te — que os levou a propor-te ou exigir de ti apenas — a construção de uma serenidade que não seja, fosse, polémica. A ti, de quem ouvi há meses, diante de pacatos gestores portugueses, pudicamente atônitos, engravataadamente extasiados, o apelo à insurreição total de todos nós.

Não será antes que o que de facto te pedem uns e probem outros, é a restauração da crença e do entusiasmo das grandes massas no seu próprio fazer de si mesmas, que a uns falece sustentar e a outros ameaça? Esperam de ti que o homem de rua — ainda que pelo aguilhão da mulher e seu cabaz vazio, que tão fraternamente entenderás, não mais diga, Quero lá saber. E diga de novo, Quero saber. E quando ele e ela, pelo seu exercício da franqueza total, estiverem prontos para essa preprimária do civismo de que já descrevem, será que te dirão, Chega filha, agora nós dizemos como, Vai, vai para a UNESCO como portuguesa de primeira que és, produto de exportação?

Escondo na manga e mostro, fêmeamente, dois secretos trunfos porém, meus, teus, de quem tiver ainda um pouco de graça e coração imaginoso para apoiarte — a confiança na tua imensa vitalidade, que te leva, como todos souberam sempre e só por hipocrisia lêem de outro modo, a quebrar protocolos e precedências, não por avidez de poder, mas porque simplesmente maçam quem não é estúpido e empatam quem quer fazer.

Outro trunfo será a diferenciação que de facto faço, fazemos, entre as forças sociais mais profundamente em jogo e que demarca linhas claras entre os partidos, dentro dos partidos — os que lutam pelo (pleno) emprego e os que lutam pelo pluriemprego de alguns; os que lutam pela dignidade do corpo, nos afectos, no local de trabalho e na escola onde ele deve tomar voz, na comunidade internacional, e os que lutam pelo fechamento unilateralmente dependente, mais imediata e perversamente rentável; os que são aquilo que já deram à comunidade a que pertencem, por mais ignorada, por mais ignorados, e aqueles que julgam ser o que dela retiram.

Nesta Europa descalça, resi-

dual de um III Reich onde não se queimaram corpos mas se reduziram corpos e consciências, e é ser **disso**, portuguesa, que te faz «terceiro mundista», nossa negrinha de Deus, nesta horinha mal-mariânica, dão-te cem dias. É de mais para uma aparição, por mais brilhante que seja a senhora, de menos para uma gravidez a termo, por mais valerosa a mulher. Eu sei, não-de ver-te em trabalho, gestante. Mas já te mordem a direita dos direitos ó tão individuais e tristes e a extrema esquerda dos direitos ó tão colectivos mas poucos. O resto amua ou espera, um bocado emburrado. É porém, muito possível que sejas amada e escutada pela gente anónima e pelos poetas de todos os mesteres, que sabem que em política o que é, é. Que sabem muito mais que o que parece. Que sabem que os que te chamam comunista e meloantunista te estão só a chamar nomes que acham feios, sinal certo de raiva impotente. Que sabem que os que te apontam como grave senão de cristã o apoio à legalização do aborto, empurrariam de bom brado a filha solteira para a África em Londres ou despediram já por levantada a criada grávida. Ou respeitam com grande agrado os períodos fecundos, único alívio da chateza da relação que podem.

Parecerá isto um canto de louvor enquanto é tempo, quase póstumo. Ou um aviso a essa tua navegação useira e vezeira em deixar-te ir na confiança até escolhos perigosos na manipulação de outrem — por causa do teu encanto, em detrimento do teu designio. Será também.

Mas é mais, muito mais, um aceno à tua viagem de coração cheio, a anticarreira até aqui. Penando que possa ser de arribação ou decorativa doutras a tua passagem, avezinha grande. E não serei eu a desafiar-te ao desafio que de ti esperam, acaso todos esperam. Sem grande esperança ou fé, e muito menos caridade, muitos dos que detêm poderes ou os recuperaram, esperam. Mas os desalojados da paz podre e da mudança incumprida, as bases do edifício, esses podem já escutar-te, escutam-te. Não haverá maior desafio.

Dou-te pois com eles a salvação. E o meu apoio e confiança e comção, de mulher e de cidadã, inteiros. E possas tu deixar neste povo ao menos a memória de uma hora curta de verdade plena, de boa vontade límpida, de inteligência e sensibilidade novas, **nostras**. Porque nem sempre é a integridade de um dirigente e o seu gosto pela vida o que faz mover as massas humanas. Mas é sempre o que elas esperam, o que veneram quando reconhecem, o que rememoram como sinal, só sinal, da sua própria vitalidade e grandeza.

Bem-vinda pois, com o teu nome e trato de pássaro robusto, rústico e cantor e o teu sorriso de menina boa sem tolice ou toleima. Essas coisas contam.

\* — Escritora. «Prémio Cidade de Lisboa» de romance (1977). Anterior presidente da Associação Portuguesa de Escritores.

### Um marco

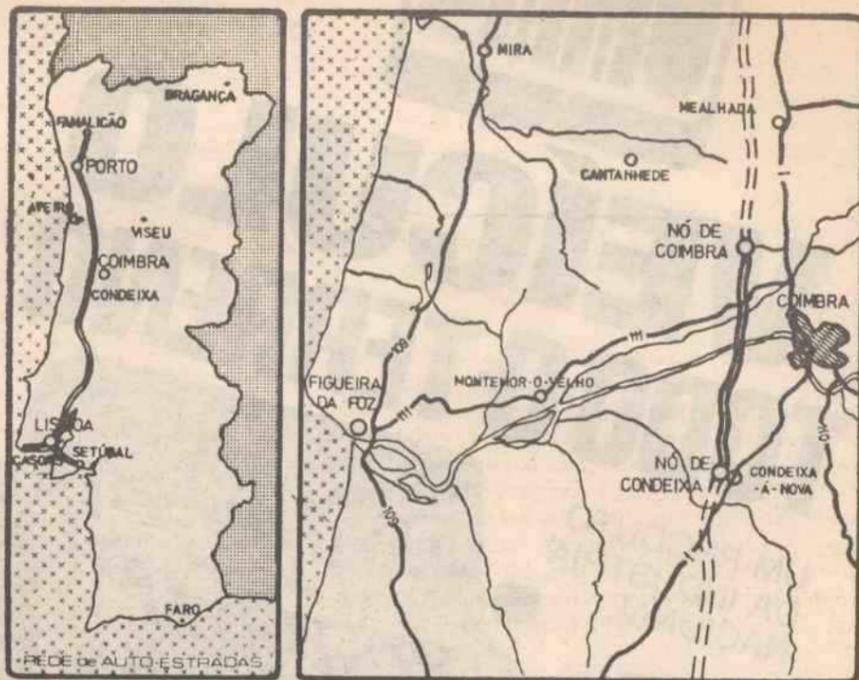
Este I Congresso Nacional — em que, sublinhe-se, Lurdes Pintasil-



A Concessionária das Auto-Estradas em Portugal, depois de ter tido a satisfação de pôr à disposição do público, em 30 de Junho p. p., o último Sublanço da Auto-Estrada do Sul, que permitiu pela primeira vez em Portugal ligar por Auto-Estrada duas grandes cidades (Lisboa e Setúbal) e reduzir o tempo de percurso entre elas para uns escassos 20 minutos, tem agora o prazer de dar a conhecer o início das obras do Sublanço CONDEIXA/COIMBRA, na Região Centro do País.

No programa de realizações da Brisa, a Auto-Estrada entre Condeixa (Coimbra/Sul) e o Porto é considerada prioritária uma vez que irá descongestionar as secções mais carregadas de tráfego nas Estradas Nacionais existentes na direcção Norte/Sul (Estrada Nacional 1 e Estrada Nacional 109). Dentro desta estratégia está em fase adiantada de construção o Sublanço Vila da Feira e Carvalhos, com 18 quilómetros de extensão.

A construção do Sublanço Condeixa/Coimbra vai possibilitar, a médio prazo, a eliminação da fase crítica do atravessamento da Região Centro e desampliar o clima de perturbação da vida própria da cidade de Coimbra, criado pelo fluxo de tráfego que agora a atravessa.



Esta Obra estende-se por 16,2 quilómetros, ligando à E. N. 1, por dois ramais em Condeixa e em Coimbra (Troxemil), com a extensão de 1,0 quilómetro e 3,6 quilómetros, respectivamente, sendo a movimentação de terras aproximadamente 4 milhões de metros cúbicos (4 000 000 m<sup>3</sup>). Está prevista a construção de 16 Obras de Arte Especiais sendo 8 Passagens Superiores e 8 Passagens Inferiores.

No atravessamento do Vale do Mondego estão projectados 5 grandes Viadutos que possibilitam o atravessamento das estradas e Caminhos-de-Ferro existentes, do Rio Mondego e dos leitos periféricos esquerdo e direito previstos nas obras de rega do Mondego, além de permitirem um correcto arejamento do Vale com vista à manutenção das condições ecológicas do mesmo.

O concurso para construção destes 5 Viadutos foi aberto em 21 de Junho p. p., estando os dois planos de construção coordenados de forma a que este Troço da Auto-Estrada possa abrir ao tráfego em 31 de Dezembro de 1981.



# Lurdes Pintasilgo: quem foi, quem é, que pode esperar-se dela

Cimeira do Graal à espera de Lurdes Pintasilgo

## Para companheiras de outros países ela é simplesmente Maria

Pedro Vieira

«... E o que pensa sobre Maria de Lurdes Pintasilgo?»

No amplo relvado situado nas traseiras do edifício do Centro Eucuménico de Reconciliação, beneficiando da sombra que o sol quente da tarde torna mais agradável, a roda de cadeiras que começara com quatro pessoas foi-se alargando, ao longo de duas horas, até se tornar uma pequena assembleia. Mulheres vindas de diversos pontos do mundo falavam-me da experiência viva do Graal, nome que, quase de um dia para o outro, entrou no quotidiano dos portugueses pelo simples facto de Maria de Lurdes Pintasilgo, escolhida para formar Governo, ser um membro destacado desse movimento. Não fosse tal escolha, e Maria de Lurdes Pintasilgo teria permanecido durante esta e a próxima semana no Centro Eucuménico de Reconciliação, em Buarcos, paredes meias com a Figueira da Foz, e na manhã da passada quarta-feira teria feito uma intervenção de fundo. E a pequena estrada que liga o alto da povoação de Vais ao Centro Eucuménico, através de um vale verde, não seria conhecida pelos jornalistas.

«O que significa para o Graal a nomeação de um dos seus membros para o cargo de Primeiro-Ministro de um país?»

Esta, aquela ou outras perguntas no mesmo sentido não obtêm respostas muito concretas. A maior parte das vezes as mulheres estrangeiras falam simplesmente de Maria, visto que, na altura em que Maria de Lurdes Pintasilgo ingressou no Graal, não havia no movimento outras «Marias» destas paragens. Referem um ou outro aspecto da personalidade do primeiro-ministro indigitado, mas preferem situar este acidente na perspectiva dos grandes princípios inspiradores do Graal. No entanto, os recortes de jornais em inglês e italiano, afixados num quadro situado no átrio das instalações do Centro e aludindo à nomeação de Maria de Lurdes Pintasilgo, atestam que o Graal vive um acontecimento pouco comum, na sua história de seis décadas. Acontecimento que é sublinhado pela coincidência de a assembleia internacional do Graal, que se efectua de quatro em quatro anos, ter como cenário, pela primeira vez, o nosso país.

500 membros em todo o mundo

«Quem somos nós?» é uma das perguntas básicas a que a presente assembleia internacional, preparada ao longo de um ano e meio, pretende responder, segundo nos diz a egípcia Simone Tagher, presidente do Graal. Os membros do Graal em todo o mundo são apenas 500, mas, acentua-nos, estão muito dispersos por diversos países e inseridos em contextos muito concretos. Daí que tivesse sido feita uma espécie de recenseamento e um questionário de forma a o Graal refazer a sua identidade. Os temas seleccionados para o encontro são o resultado desse trabalho prévio. É Simone Tagher quem no-los descreve: «as mulheres como elementos que podem mudar a sociedade; a importância da fé para essa transformação; caminhos de libertação humana total, o que envolve a consideração das diferentes libertações; e finalmente a questão do empenhamento pessoal de cada mulher num contexto social e cultural específico.» Ilustrando as ideias de movimento e diversidade subjacentes àqueles temas, Simone Tagher

explica-nos que o Graal não tem um centro físico. Onde estiver a presidente, aí está a sede. E a presidente, pelas suas funções, é constantemente solicitada para deslocar-se pelos cinco continentes. Há mulheres do Graal na América do Norte e Latina, na Europa, na Índia, Indonésia e Austrália, e ainda na África. Neste continente a presença do Graal é bastante significativa, abrangendo o Egipto, Argélia, Nigéria, Quênia, Uganda, Tanzânia, Zâmbia e África do Sul. Nos países do bloco socialista não há elementos do Graal.

Simone Tagher, que profissionalmente esteve ligada a um organismo privado de desenvolvimento de aldeias, nos gestos, no tom apelativo e na clareza das palavras, faz-nos lembrar Maria de Lurdes Pintasilgo.

«O movimento — afirma — acredita profundamente que a mulher tem uma contribuição a dar na sociedade e na Igreja. A mulher não se pode limitar à casa e ao seu pequeno mundo, mas tem que contribuir para transformar o mundo.»

Estes termos são muito gerais, mas isso é uma consequência da atenção ao quadro próprio em que as mulheres do Graal se inserem. Simone não nos dá uma posição do Graal sobre o movimento feminista, mas declara-nos que «há algumas de nós que estão nitidamente empenhadas no movimento feminista». E quando a convidámos a explicar-se sobre o dia 13 de Maio, os marxistas, considerou que esse é um conceito ocidental, tendo-nos sugerido que falássemos com alguém oriundo de países ocidentais.

Perguntámos-lhe se com a nomeação de Maria de Lurdes Pintasilgo o Graal tinha perdido um elemento, ainda que ganhando um Primeiro-Ministro. É evidente que Simone não aceita esta dicotomia, pois para ela a questão é muito simples: «onde quer que o Graal se encontre, isso quer dizer uma preocupação com o que passa nesse local e nesse país.»

«Ela é muito humana»

Milwaukee (Wisconsin), nos Estados Unidos, por exemplo, donde veio a Ann, com calças e blusa de cores **extrovertidas**, bem à americana, ao lado de quem se sentaria a

indiana Jyothi Kiran, que vestia um «sari». Para Ann, que desenvolve um trabalho de tipo social junto de uma cadeia, o Graal é um grupo de mulheres onde encontra um suporte que dá significado à sua actividade. Essa actividade envolve também a organização dos cidadãos no sentido de melhorar o conceito de justiça. «Considera difícil o contacto com pessoas de formações e culturas muito diferentes presentes no encontro?» — perguntámos-lhe. Ann fez uma paragem e depois disse-nos: «Sentimos que temos muita coisa em comum e isso torna o intercâmbio mais fácil». Quanto à situação da mulher nos Estados Unidos, disse-nos que se nota um certo impulso no sentido de ela se empenhar mais na vida social. Mas interroga-se sobre se será nos centros de decisão política que fará mais sentido aplicar todas as energias da mulher.

O único indivíduo do sexo masculino presente na Assembleia Internacional do Graal veio de Lagos, na Nigéria. Chama-se Waziri Antonio e tem apenas sete semanas. Não lhe faltam braços meigos. Dificilmente uma criança receberá carinhos tão diversificados...

A mãe, Teresa Garuba, conheceu Maria de Lurdes Pintasilgo em Paris, em 1971. «Ela é muito humana», disse-nos Teresa Garuba para caracterizar a personalidade do primeiro-ministro indigitado.

Face à questão da eventual incompatibilidade entre o idealismo do Graal e o pragmatismo exigido pelas funções de chefe do Governo, Teresa mostrou-se confiante na capacidade de decisão livre e independente de Maria de Lurdes Pintasilgo.

Teresa Garuba, que é funcionária do Ministério dos Negócios Estrangeiros nigeriano, afirmou-nos, ainda, que o marido compreende a sua ligação ao Graal. «Professoras universitárias e pessoas de outros sectores foram viver nos meios mais pobres do meu país e assim ele pôde ver como são sinceros», disse-nos.

Jyothi Kiran e Namitha Suvarna, que vieram de Bangalore, no sul da Índia, referem que a sociedade indiana é dominada pelos homens. Mesmo na família é o homem que decide.

Jyothi e Namitha trabalham numa equipa móvel que se desloca pelos quatro estados do Sul da Índia e que actua junto das mulheres com vista à melhoria das suas condições sociais e familiares.

Professam a religião hindu e, apesar de o Graal ser um movimento de raiz cristã, fazem parte dele.

Movimento surgiu em 1921

A holandesa Frances van der Schot contou-nos como nasceu o

Graal. Foi em 1921 que um grupo de cinco estudantes universitárias, juntamente com um professor, o sacerdote jesuíta Jacques van Ginneken, iniciaram um trabalho entre não-cristãos. Cerca de dez anos depois o bispo de Harlem solicitou ao Graal que organizasse grupos de raparigas católicas, o que implicou uma mudança na orientação seguida até então de inserção plena numa actividade normal do meio onde vivêssem. No entanto, isso representou um momento de maior expansão do movimento tendo Frances, em 1936, com 24 anos, e outras quatro jovens partido para a Austrália, onde implantaram o Graal.

A mais de 40 anos de distância Frances van der Schot considera que o Graal é hoje muito diferente porque já não é aquele movimento holandês com milhares de raparigas. Mas, ao mesmo tempo, continua semelhante ao movimento na sua forma inicial, pelo desejo profundo de transformar o mundo. De resto, o nome, inspirado das lendas medievais do Santo Graal, construídas em torno da procura do cálice da última ceia, traduz bem o idealismo de que está eivado o movimento. Idealismo que as mulheres do Graal não rejeitam. Mas acrescenta uma jovem holandesa: realismo também, porque o Graal tem realizado muito daquilo para que aponta.

«Que o diga Marita Estor, que chefia um departamento social do Ministério alemão-federal do Trabalho, voltado para questões da mulher, designadamente no que se relaciona com a criação de estruturas políticas de resposta às carências sociais.

Maria Estor ocupa-se, por exemplo, da educação e formação profissional dos filhos de emigrantes estrangeiros e do apoio à terceira idade. Está já a traçar uma linha de acção na política das mulheres com vista às próximas eleições na RFA: a licença por maternidade foi aumentada para seis meses e o apuramento dos obstáculos levantados à escolha de um emprego fora de casa inserem-se nessa linha de acção.

Por outro lado, observou ainda Marita Estor, «a Igreja na Alemanha não está ao corrente da situação da mulher e somos nós que fazemos essa ponte».

São quase cinco da tarde. A britânica Anne Mathews quer deixar-me bem vincado que «há toda uma força espiritual em que as pessoas do Graal acreditam». A segunda sessão de estudo e debate vai iniciar-se. A primeira foi de manhã. A jornada será rematada com a celebração da Eucaristia, efectuado por 90 mulheres de 18 países, apossadas em transformar o mundo. Um dia destes, Maria de Lurdes Pintasilgo estará, como é praticamente certo, entre as suas companheiras do Graal.

## “Primeiro” ou “primeira”?

A indigitação da eng. Maria de Lurdes Pintasilgo para o cargo de primeiro-ministro veio trazer um problema que, não sendo importante, parece estar a preocupar muita gente. Como se deve dizer, neste caso: primeiro-ministro ou primeira-ministra?

«Ainda não há muito, lê-se no «Prontuário da Língua Portuguesa», de F. Xavier Roberto e Luís de Sousa (Ed. «O Século», 6.ª edição, Lisboa, 1974) — apenas havia o **médico**, o **engenheiro**, o **arquitecto**, o **campeão**; a **mulher**, hoje rivala do homem, e **médica**, **engenheira**, **arquitecta**, **campeã**».

«Por outro lado — diz ainda o «Prontuário» — a mulher, emancipando-se, torna-se tão rival do homem que já por vezes o iguala; e a linguagem, reconhecendo então inoportuna a distinção de géneros, diz que a mulher é **ministra**, **deputada**, **capitã**, **chefe** e **campeã** como qualquer homem».

Parece poder concluir-se, assim, que, por analogia (médica, enge-

neira, arquitecta, etc.) deveria dizer-se **ministra** e, por conseguinte, **primeira-ministra**, se não quisermos levar em conta a inoportunidade da distinção de géneros.

Contactado por «O Jornal», um professor da Faculdade de Letras de Lisboa assinalou que «não repugna nem é atropelo à índole da língua dizer primeira-ministra», embora, por analogia, talvez seja mais correcto dizer «primeiro-ministro». Deve acentuar-se, no entanto, que não é erro, até porque a língua tem de acompanhar a evolução da sociedade e quem faz a língua é o povo e não os gramáticos.

De qualquer modo, recorda-se que no seu «Vocabulário da Língua Portuguesa», o prof. Rebelo Gonçalves não regista a forma feminina de primeiro-ministro, mas, em contrapartida, regista, a par das formas masculinas, femininas como **primeira-ballerina**, **primeira-conservadora**, **primeira-escritora**, **primeira-secretária**, **primeira-bibliotecária**, etc.

Também os dicionários não registam «ministra» na acepção que, neste caso, nos interessa, o que é, aliás, assinalado pelos autores do «Prontuário». Segundo o «Dicionário Prático Ilustrado», **ministro** é «aquele que tem um cargo, ou está incumbido de uma função» e **ministra** é uma «pessoa do sexo feminino ou coisa do género feminino que concorre para determinado fim» (Ex.: «A fé e a esperança são ministras da paz da consciência»). Ainda para **ministra**, os dicionários indicam, como sinónimo, «mulher de ministro».

É possível que, após estas considerações, o leitor fique sem saber qual é a fórmula mais correcta. Mas, enfim, pensando ter dado uma ajuda para resolver o problema (pouco importante), recordamos que Maria de Lurdes Pintasilgo foi a **primeira** (mulher) **ministra** (ocupou a pasta dos Assuntos Sociais desde meados de Julho de 1974 até Março de 1975) e é agora, também, a **primeira** primeiro-ministro.

